

Renegociação ganha adeptos no Governo

A renegociação da dívida externa brasileira de governo para governo é, segundo o senador Carlos Alberto (PDS-RN), a única alternativa para que o País evite a moratória unilateral, "que seria desastrosa para todos nós". Segundo o senador, que é vice-líder do PDS, a idéia sensibiliza vários setores do Governo, e seguramente será bem recebida pelo presidente Figueiredo, que a examinará amanhã, em relatório a lhe ser entregue pelo presidente em exercício Aureliano Chaves.

Se adotada, a iniciativa transformaria a renegociação da dívida em questão política e diplomática, e não mais técnica. "Não há solução técnica para a dívida brasileira", diz o senador. Mas, segundo ele o País não chegou a tal estágio por conta da imprevidência do governo. "E preciso lembrar que os Estados Unidos, ao rearmarem sua economia, recolhendo os dólares do mercado e aumentando a taxa de juros, desarrumaram as economias que lhe eram de algum modo dependentes. Houve, portanto, mudança na regra do jogo. O Brasil captou dinheiro no exterior quando ele era barato e esse era um procedimento rotineiro e compensador", diz Carlos Alberto.

— E preciso lembrar — diz ele — que o Brasil sempre foi um bom pagador. Não fosse assim, não teria acesso durante tantos anos a recursos externos. Pagamos, enquanto as regras do mercado se mantiveram, sempre em dia, mesmo submetidos às mais altas taxas de risco. Dos 90 bilhões de dólares de nossa dívida, metade apenas foi de fato recebida. E essa metade foi aplicada em investimentos que aí estão: Itaipu, programas siderúrgicos, ferrovias, etc. A outra metade da dívida fica por conta da rearmagem da economia americana, com a alta da taxa de juros e a crise cambial.

O senador entende que, numa negociação de governo para governo, o Brasil terá argumentos poderosos para convencer os países credores da inviabilidade de uma solução técnica para a dívida, que geraria — como está gerando — recessão e convulsão social. "E a quem interessaria ter um País da importância estratégica do Brasil convulsionado e politicamente desestabilizado?"

— Quantos bilhões os Estados Unidos despendem na América Central em função da desestabilização de seus governos? Um Brasil desestabilizado teria politicamente um alcance negativo muito maior para os interesses do Ocidente na América Latina. Essas questões, numa negociação de governo para governo, poderiam ser colocadas com precisão.

O senador observa que, en-

Arquivo CB



Carlos Alberto

tre os países socialistas, essa solidariedade se manifestou de forma muito mais efetiva. Lembra, a propósito, o exemplo recente da Polônia, cuja insolvência externa obteve total cobertura da União Soviética.

— Uma coisa é certa: se o Brasil não obtiver a solidariedade americana, é inevitável que venha a buscar novos parceiros. E isso, seguramente, não interessa aos Estados Unidos. Somos, sem dúvida, o termômetro da América Latina. Um Brasil desestabilizado social, econômica e politicamente é prenúncio de desestabilização geral no continente.

Carlos Alberto considera, além de inútil, "massacrante" para os ministros da área econômica a insistência em se obter uma solução técnica para a dívida. "O que vemos hoje é o ministro Delfim Netto exposto a toda sorte de ataques e agressões pelo simples fato de que não pode fazer milagres. O ministro tem feito o possível e o impossível para administrar a dívida brasileira. Enquanto as regras do jogo eram razoáveis, não havia dúvida de que ele saiu-se exemplarmente. Hoje, porém, não há saída técnica e é impraticável continuar insistindo nesse caminho. O País não pode dar-se ao luxo de prescindir de uma inteligência e uma capacidade de trabalho como as do ministro Delfim Netto. Mas também não tem o direito de continuar a massacrá-lo, expondo-o à condição de "bode expiatório".

Quanto à moratória, Carlos Alberto considera-a desastrosa. "Isso significaria sucatear nosso parque industrial. Moratória significa o cessamento da entrada de recursos externos no país. Em outras palavras, teríamos de sustar as importações. E como supriríamos o petróleo que não temos? A saída é lembrar aos nossos parceiros que as alianças políticas têm mão e contra-mão. E o Brasil necessita da solidariedade do sistema financeiro internacional ou, então, involuntariamente poderá desestabilizá-lo. E esse é um tema a ser tratado por estadistas, e não por técnicos.